

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL

EMILLY DE ALMEIDA QUEIROZ

**A ANTROPOFAGIA LOBATIANA: O PEQUENO POLEGAR VISITA O
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO**

CORUMBÁ

2023

EMILLY DE ALMEIDA QUEIROZ

**A ANTROPOFAGIA LOBATIANA: O PEQUENO POLEGAR VISITA O
SÍTIO DO PICAPAU AMARELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Português/Espanhol, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Dário Ferreira de Souza Neto.

CORUMBÁ

2023

Ao vô Cipriano (*in memoriam*), que sempre me contava histórias antes de dormir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e coragem para conseguir enfrentar esse desafio.

A minha mãe, pelo apoio incondicional e trabalho árduo que me possibilitou a oportunidade de estudar sem maiores preocupações. Por ser minha referência, inspiração e porto seguro. É tudo por ela e graças a ela.

A minha avó, por acreditar que eu conseguiria chegar até o final.

A minha irmã, por me lembrar como é ser criança e me fazer uma pessoa melhor, alguém que mereça ser vista como inspiração.

Ao meu orientador, por aceitar um tema tão distante da sua área de pesquisa.

Ao meu grande amigo Gabriel que, ao me apelidar de Emília, acabou, indiretamente, me guiando ao tema deste trabalho. Pela sua parceria e amizade de anos.

As minhas colegas de curso Brenda, Maria e Walquíria, que se tornaram grandes amigas ao longo desses anos tão intensos. Sem a amizade, companheirismo e apoio delas provavelmente não chegaria até aqui.

Por último, mas não menos importante, ao Campus do Pantanal, por ter sido minha casa nos últimos cinco anos. Com orgulho e admiração por fazer parte dessa história.

“Um país se faz com homens e livros.”

(Monteiro Lobato)

RESUMO

A literatura infantil costuma ser o primeiro contato que a criança tem com a leitura. Isso se dá, muitas vezes, por meio dos contos de fadas, onde, em seus mais variados enredos, vemos o maravilhoso como forma de intervenção nos problemas que surgem ao longo do caminho. No Brasil, um dos nossos primeiros contatos com o maravilhoso se dá por meio do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, onde encontramos uma boneca falante, um sabugo de milho inteligente, animais humanizados e crianças muito curiosas. Neste trabalho, analisaremos a maneira como Lobato se apodera de forma antropofágica das conhecidas histórias dos contos de fadas, tendo como foco o personagem Pequeno Polegar, da obra *Contos da Mamãe Gansa*, de Charles Perrault. Apontaremos como ele se utiliza desse personagem, cenários e enredos dos clássicos em seus livros *Reinações de Narizinho*, *O Picapau Amarelo* e *Histórias Diversas* – os “abrasileirando”, e fazendo com que se tornem parte do cenário nacional, em aventuras pelo famoso Sítio do Picapau Amarelo.

PALAVRAS-CHAVE: monteiro lobato; contos de fadas; intertextualidade; literatura infantil; antropofagia.

RESUMEN

La literatura infantil acostumbra ser el primero contacto del niño con la literatura. Eso se pasa muchas veces por medio de los cuentos de hadas, donde en sus más distintos enredos vemos el maravilloso como forma de intervención a los problemas que surgen por el camino. En Brasil, uno de nuestros primeros contactos con el maravilloso es por medio del Sítio do Picapau AMarelo, de Monteiro Lobato, donde tenemos una muñeca hablante, una mazorca de maíz inteligente, animales casi humanos y niños que son muy curiosos. En este trabajo analizaremos la manera como Lobato se apodera de forma antropofágica de las conocidas historias de los cuentos de hadas, teniendo enfoque el personaje Pulgarcito, de la obra *Los Cuentos de Mamá Ganso*, de Charles Perrault. Apuntaremos como él utiliza de esto personaje, escenarios y historias de los clásicos en sus libros *Reinações de Narizinho*, *O Picapau Amarelo* e *Histórias Diversas* - dejandolos más brasileños y haciendo con que sean parte del escenario nacional, en aventuras por el famoso Sítio do Picapau Amarelo.

INTRODUÇÃO

A grande revolução do século XVIII causou uma drástica mudança na sociedade da época. O estereótipo familiar está mais do que cravado na sociedade: o pai provê o sustento da família, a mãe cuida do lar e a criança simplesmente aproveita sua infância. Contudo, uma das maiores mudanças ocorreu justamente com a criança, já que ela passa a ser vista como parte da sociedade. Começam a ser levadas em conta suas opiniões, vontades e gostos. Esse novo papel exercido pela criança motiva “o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) [...]” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p.16)

Os primeiros passos da literatura infantil escrita ocorrem na França do século XVII, marcados por Charles Perrault (1628-1703). Diz-se literatura infantil *escrita* pois ela é antecedida pelo que Cintia Maria Basso (2001) chama de literatura infantil *lendária*. Nesse segundo tipo se encaixavam histórias da vida cotidiana que, normalmente, eram contadas pelas mães para seus filhos, por meio da oralidade. Durante sua vida, Perrault ouviu muitas dessas histórias contadas não apenas por sua mãe, mas também pelos frequentadores dos palácios onde trabalhou, e em 1695, aposentado aos 67 anos, decidiu registrar na forma escrita o que tanto ouvia na tradição oral. Charles Perrault é considerado o pai da literatura infantil mundial pois foi, de fato, o primeiro a organizar de forma escrita as histórias que eram tão tradicionais pela Europa.

Seu primeiro livro “*Histoires ou Contes du Temps Passé, avec des Moralités*” (Histórias ou Contos do Tempo Passado com Moralidades), mais conhecido como “*Les Contes de la Mère l'Oye*” (Contos da Mamã Gansa) foi, inicialmente, assinado por seu filho, como se esse fosse o autor dos contos. Nesse livro encontramos os contos presentes nos primórdios da literatura infantil, sendo alguns deles: “La Belle au Bois Dormant” (A Bela Adormecida), “Le Petit Chaperon Rouge” (Chapeuzinho Vermelho), “Le Chat Botté” (O Gato de Botas), “Cendrillon” (Cinderela), e “Le Petit Poucet” (O Pequeno Polegar), personagens que misturam características humanas com características fantásticas.

É importante salientar que muitas adaptações foram feitas nessas histórias, afinal sua tradição era marcada pela oralidade, e não eram histórias de cunho infantil. Dentre essas adaptações encontramos na história da *Bela Adormecida*, por exemplo, uma grande diferença entre a lenda que Perrault se inspirou, *Sol, Lua e Talia*, e o conto que bem conhecemos. Na lenda original uma princesa “morta” é abandonada por sua família em um palácio e encontrada por um rei, que ao perceber que a garota estava em um sono profundo, mas ainda viva, abusa dela e volta para o seu reino. Em sua obra Perrault se utiliza do sono profundo da princesa do

conto original, porém suaviza muito os acontecimentos, incluindo um príncipe apaixonado e um beijo de amor verdadeiro, deixando de lado detalhes como o estupro e a gravidez da princesa. Outro conto adaptado por Charles Perrault é *Cinderela*, cujos primórdios, contava-se que uma das irmãs de Cinderela teria cortado o próprio calcanhar para que seu pé coubesse no sapatinho de cristal; em outras versões narram que, durante o casamento de Cinderela com o príncipe, os passarinhos amigos de Cinderela teriam atacado suas irmãs, bicando seus olhos até que ficassem cegas. No conto de Perrault os sapatinhos não servem nos pés das irmãs, apesar de seus esforços, e não há nenhum tipo de vingança por parte dos passarinhos. Podemos citar também a conhecida história da *Chapeuzinho Vermelho* que, em suas versões mais antigas, se encontram indícios de canibalismo, com o lobo fazendo a menina comer a carne de sua própria avó.

Após as adaptações feitas por Perrault, seja para suavizar acontecimentos macabros ou para mostrar situações que alertassem as crianças, seus contos apresentam uma moral com uma mensagem ou um ensinamento em forma de poesia, sempre relacionado ao que foi lido. Afinal, essa era uma das principais funções dos Contos de Fadas: moralizar a criança, principalmente a menina, ensinando-lhe um tipo de guia de comportamento a (não) ser seguido, como vemos na moral do conto da Chapeuzinho Vermelho:

*Aqui se vê que os inocentes,
Sobretudo se são mocinhas
Bonitas, atraentes, meiguinhas,
Fazem mal em ouvir todo tipo de gente.
E não é coisa tão estranha
Que o lobo coma as que ele apanha.
Digo o lobo porque nem todos
São da mesma variedade;
Há uns de grande urbanidade,
Sem grita ou raiva, e de bons modos,
Que, complacentes e domados,
Seguem as jovens senhorinhas
Até nas suas casas e até nas ruínas;
Mas todos sabem que esses lobos são bondosos
De todos eles são os mais perigosos. (PERRAULT, 2018, p.29)*

Indo contra a realidade da sua época, quando as crianças burguesas eram educadas em latim, Perrault teve o cuidado de adaptar os contos para uma linguagem simples e elegante, acessível até mesmo às pessoas que possuíam menos conhecimentos. O francês foi exaltado por sua produção infantil, ganhando reconhecimento e importância social.

Se a sociedade europeia do século XVII acolheu tão bem esse novo gênero voltado para as crianças, por que ainda hoje a literatura infantil é constantemente inferiorizada e tida como

menos importante para a indústria em geral, já que é considerada apenas uma distração, diferente do que chamam de literatura “de verdade”? Para Antônio Cândido (2011), a literatura (sendo ela qual for) é mais do que uma simples distração, já que ela

aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CÂNDIDO, 2011, p.176)

MONTEIRO LOBATO E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

José Maria Monteiro Lobato, que mais tarde se tornaria José Bento Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté, em 18 de abril de 1882. Foi um contista, ensaísta, editor, escritor, tradutor e advogado, mais conhecido por seus trabalhos direcionados ao público infantil. Monteiro Lobato sempre foi fascinado pelas belas artes, porém, como imposição de seu avô para que se tornasse seu sucessor, Lobato acabou se formando em Direito e, inclusive, atuando por alguns anos como promotor. Apesar do trabalho na promotoria, nunca deixou de lado sua verdadeira paixão: escrever. Lobato colaborava com seus amigos em diversas publicações estudantis, jornais e artigos. Sua primeira obra publicada, *Urupês*, contava com a junção de contos e artigos que haviam sido publicados anteriormente no jornal ‘O Estado de São Paulo’.

Lobato estreia na literatura infantil por meio de traduções e releituras de obras e autores que já estavam consolidados na Europa, como *O príncipe feliz*, de Oscar Wilde, *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, *Dom Quixote*, de Cervantes, *Por quem os sinos dobram* e *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway, *Caninos brancos* e *A filha da neve*, de Jack London, *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huck*, de Mark Twain, *Contos de Grimm* e *Novos contos de Grimm*, de Hans Christian Andersen, entre muitos outros. Essa “fuga” da literatura francesa, que era mais comumente traduzida para as crianças, possibilitou que o público infantil vivenciasse novas culturas e tivesse acesso a diferentes cenários, com os quais não estava familiarizado.

A faceta de Monteiro Lobato tradutor não é tão conhecida como a de Monteiro Lobato escritor, embora tenha sido uma de suas maiores realizações. Para Lobato, a tradução era uma tarefa muito difícil, mas, ao mesmo tempo, muito importante para a cultura de um país, pois ela

possibilita o conhecimento e incorporação de culturas, muitas vezes, tão diferentes. Ele ressalta a importância da profissão no seguinte trecho:

A literatura dos povos constitui maior tesouro da humanidade, e povo rico em tradutores faz-se realmente opulento, porque acresce a riqueza de origem local com a riqueza importada. Povo que não possui tradutores torna-se povo fechado, pobre indigente, visto como só pode contar com a produção local. (LOBATO, 2012, p. 128).

Em certo momento, o fascínio pela tradução deu espaço à necessidade de ampliar os horizontes da literatura infantil, buscando obras devidamente brasileiras. Em 1916, em correspondência ao amigo Godofredo Rangel, Lobato demonstra o seu descontentamento com a inexistência de uma literatura infantil inteiramente brasileira para a formação dos seus próprios filhos: “É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.” (LOBATO, 2010, p.104-105). É importante frisar que essa literatura infantil falada por Lobato é a literatura escrita para crianças, não necessariamente a literatura lida por crianças. Obras como *As viagens de Gulliver* e *As aventuras de Robinson Crusóé*, escritas para o público jovem/adulto no século XVIII, foram muito lidas por crianças, embora não fossem diretamente destinadas a elas. Esse déficit de literatura escrita para as crianças motiva Lobato a criar essa literatura: “Como tenho um certo jeito [...], ando com ideia de iniciar a coisa.” (Idem, p.104).

A partir dessa decisão, Monteiro Lobato passa a criar enredos e personagens que, apesar do maravilhoso, vão de encontro à realidade de uma criança brasileira, o que faz com que ela se veja e se sinta dentro das histórias. Seu livro de estreia na literatura infantil foi *A Menina do Narizinho Arrebitado*, mais tarde conhecido como *Reinações de Narizinho*, onde passamos a conhecer seus memoráveis personagens, como Emília, a boneca de pano falante; Visconde de Subugosa, o filosófico sabugo de milho; Narizinho e Pedrinho, as crianças curiosas e aventureiras; Rabicó, o porco marquês; e Dona Benta e Tia Nastácia, as duas senhoras que tentam levar com normalidade as aventuras improváveis das crianças.

Monteiro Lobato nunca negou que sua visão da literatura infantil ia além de expandir a cultura da leitura para as crianças. O livro, para ele, era visto como uma mercadoria. Não obstante, sua primeira obra teve uma função pedagógica que se diferenciava das demais obras da época. Apesar da forma lúdica, *A Menina do Narizinho Arrebitado* não deixava de demonstrar o principal objetivo dos livros didáticos: formar comportamentos exemplares.

Tendo em vista o caminho que a literatura infantil percorreu até chegar à forma que a conhecemos hoje, e levando em conta o famoso pensamento do cientista Antoine Lavoisier

de que “nada se cria, [...] tudo se transforma” (LAVOISIER, 1789), este trabalho tem como objetivo analisar a maneira como Monteiro Lobato intertextualiza, em *Reinações de Narizinho, O Picapau Amarelo e Histórias Diversas* com Charles Perrault e seus *Contos da Mamãe Gansa*, abordando isso não apenas como intertextualidade, mas pela perspectiva antropofágica proposta por Oswald de Andrade (1928) em uma análise da apropriação do personagem Pequeno Polegar.

A INTERTEXTUALIDADE NAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO

De acordo com Kristeva (2005) o conceito de intertextualidade é introduzido por Bakhtin, e pode ser explicado da seguinte forma: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é *absorção e transformação* de um outro texto.” (KRISTEVA, 2005, p.68, grifo nosso). Em suas mais variadas obras, Monteiro Lobato utiliza o recurso da intertextualidade para unir o mundo fictício que ele criou, ao mundo fictício criado por Perrault, assim como citado por Kristeva, absorvendo e transformando o que já conhecemos, em novos textos.

Tomaremos como foco principal dessa análise o personagem Pequeno Polegar presente nas obras *Reinações de Narizinho, O Picapau Amarelo e Histórias Diversas*, de Monteiro Lobato, e *Contos da Mamãe Gansa*, de Charles Perrault. No livro *Reinações de Narizinho* (1931) o Pequeno Polegar aparece nos capítulos “Narizinho Arrebitado”, “O Sítio do Picapau Amarelo”, “Cara de Coruja” e “O Circo de Cavalinhos”; aparece também em *O Picapau Amarelo* (1939) e no conto “As Botas de Sete Léguas” do livro *Histórias Diversas* (2018).

A aventura intertextual começa em *Reinações de Narizinho*, quando a garota, submersa em sua primeira aventura, conta para o Príncipe Escamado que sua boneca Emília “é muda de nascença” (LOBATO, 2019, p.10), e segue para o Reino das Águas Claras em busca do famoso doutor Caramujo, capaz de curar qualquer coisa. Lá, Narizinho encontra dona Carochinha, a baratinha contadora de histórias que, quando questionada pelo Príncipe sobre o que fazia ali, rapidamente se explicou: “Ando atrás do Pequeno Polegar [...]. Há duas semanas que fugiu do livro onde mora e não o encontro em parte nenhuma. Já percorri todos os reinos encantados sem descobrir o menor sinal dele.” (LOBATO, 2019, p.13). Na continuação do relato de Carochinha, descobre-se que muitos personagens dos contos de fadas se encontram extremamente entediados dentro de suas histórias e querem buscar novas aventuras:

“[...] tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos [...]. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. [...]. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. [...] o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.” (LOBATO, 2019, p.14)

Nos trechos citados percebemos a preocupação de dona Carochinha com a possibilidades de fugas em massa. Os personagens, antes presos em suas histórias, começam a ter consciência da própria existência e da existência de outros mundos além daquele em que vivem. Mais do que ouvir falar, eles sentem a necessidade de sair de sua rotina perfeita para conhecer novos mundos e viver novas aventuras. Para Dona Carochinha, um dos motivos da fuga é Narizinho: “Tudo isso [...] por causa [...] de uma tal menina do narizinho arrebitado que todos desejam muito conhecer”. (LOBATO, 2019, p.14).

Monteiro Lobato coloca o Sítio do Picapau Amarelo e seus personagens em um alto nível quando mostra que são conhecidos mesmo dentro dos contos de fadas, de modo a destacar a valorização do nacional. Nas histórias originais, os personagens infantis não têm consciência de sua existência, tampouco da existência de uma realidade que não seja a que eles vivem, ou seja, esse conceito da metanarrativa é adotado por Monteiro Lobato que, ao se utilizar dos complexos personagens de Perrault, começa, sutilmente, a incorporá-los ao “mundo real”.

O personagem incentivador da fuga dos demais é o Pequeno Polegar, conhecido por ser um pequeno garoto esperto e destemido, que enganou um ogro cruel e salvou a própria vida, além das dos irmãos, garantindo uma grande fortuna à sua família. O que motivou a fuga do Pequeno Polegar foi o sentimento de que as histórias estariam ultrapassadas, ou, segundo Pedrinho, emboloradas: “Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos que botá-la fora e compor outra.” (LOBATO, 2019, p.51). O pontapé inicial dado pelo Pequeno Polegar surte efeito quando, ao receberem convites para uma festa no Sítio do Picapau Amarelo, os personagens decidem deixar suas vidas no País das Maravilhas para conhecer as belezas do sítio de Dona Benta.

No capítulo “Cara de Coruja”, os convidados da festa no Sítio começam a chegar. Primeiro Cinderela, com seus sapatinhos de camurça, depois Branca de Neve, com um espelho mágico com o qual presenteou Emília, e em seguida o Pequeno Polegar, que rapidamente foi visto pelo Visconde:

- Vem vindo uma poeirinha tão pequenininha que até parece poeira de camundongo!...
- [...]
- Um senhor pingo de gente com umas botas maiores do que ele!
- O Pequeno Polegar! – gritaram as princesas, e acertaram. (LOBATO, 2019, p.166)

O Pequeno Polegar foi muito bem recebido por todos no sítio, mas principalmente pelas princesas que tinham Polegar como um líder em sua emocionante fuga, já que “Ele era o chefe da conspiração dos heróis maravilhosos para fugirem dos embolorados livros de Dona Carocha e virem viver novas aventuras no sítio de Dona Benta.” (LOBATO, 2019, p.166). Essa característica de liderança que Polegar apresenta não é uma invenção de Monteiro Lobato, mas sim uma adaptação de uma característica mostrada por Perrault, onde, apesar da situação assustadora estando perdido com seus irmãos em meio a floresta e, em seguida, fugindo de um ogro terrível, o garoto se mantém tranquilo, agindo com a razão para conseguir se salvar e salvar seus irmãos.

No capítulo “Circo de Cavalinhos” a aparição do Pequeno Polegar acaba sendo mais discreta. Apesar de não ter um papel importante na apresentação do famoso circo da Emília, Polegar continua exercendo sua liderança para com os amigos do País das Maravilhas ao, durante as apresentações do circo, puxar coros clamando pela aparição do palhaço: “[...] e o público, chefiado pelo Pequeno Polegar, continuou a pedir palhaço.” (LOBATO, 2019, p.230). Essa é a última aparição do personagem em *Reinações de Narizinho*.

Em *O Picapau Amarelo* vemos a volta do Pequeno Polegar logo no primeiro capítulo, intitulado “A Cartinha do Polegar”. Nesse capítulo, vemos que, após a visita dos personagens do País das Maravilhas, o Sítio se torna famoso e objeto de desejo deles, que passam a sonhar com uma vida no mundo real e o Pequeno Polegar, retomando seu papel de líder dos antigos fugitivos, envia uma carta a Dona Benta em nome de todos os moradores do País das Maravilhas:

- [...] tenho aqui uma carta muito interessante, recebida hoje. [...] A cartinha que recebi é do Pequeno Polegar...
- [...]
- Abriu-a e leu com a maior facilidade:
- Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira:*
- Saudações. Tem esta por fim comunicar a vossa excelência que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não aguentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa, se a senhora der licença, está claro... (LOBATO, 2019, p. 07-09)*

Dona Benta, contagiada pela alegria dos netos, responde ao Pequeno Polegar que todos podiam ir para o Sítio pois ela compraria “[...] mais terrenos vizinhos, de modo que o Mundo da Fábula inteiro coubesse lá.” (LOBATO, 2019, p.11). Na semana seguinte, os personagens começaram a chegar com Polegar puxando a fila. Além de exercer a liderança, o Pequeno Polegar também costuma ser o porta voz dos outros personagens como quando ao perceber que todos “[...] vinham com armas e bagagens, com os castelos e palácios [...]” (IDEM, 2019, p.19), ele explicou aos moradores do Sítio:

- Eles sempre sonharam uma coisa assim. Nunca puderam habitar sossegados numa terra que fosse unicamente deles. Uns moravam em livros, outros na cabeça das crianças. Agora vão ser donos de um território próprio, só deles. Vão sossegar, os coitados. (LOBATO, 2019, p.19)

Ao contrário do que vimos em *Reinações de Narizinho*, agora, em *O Picapau Amarelo*, o Pequeno Polegar se mostra com uma personalidade mais madura e menos infantilizada. Mantendo sua maior qualidade, a coragem, Polegar se apossa da casa do João-de-Barro e é expulso de lá a bicadas, caindo do alto da árvore e quebrando a perna.

Polegar gemia de dor. Dona Benta examinou-lhe a perna.

- Quebrada, sim, com um ossinho aparecendo. Mas há de sarar. Tia Nastácia tem um remédio ótimo para isto. Numa semana ou duas põe-no bom.

- E se ficar aleijado?

- Pedrinho arruma-lhe um par de muletas de pau de fósforo [...]. (LOBATO, 2019, p.52)

Enganando o temido Capitão Gancho, os moradores do Sítio tomaram seu navio e o batizaram de “O Beija-Flor das Águas”, e saíram mar a fora em uma aventura, esquecendo no sítio o pobre Polegar com suas muletinhas de palito de fósforo. Ao perceber que foi enganado, o Capitão Gancho fica furioso e decide se vingar tomando o Sítio de dona Benta. Por ter sido esquecido em casa, o Pequeno Polegar acaba ouvindo todo o plano maligno do Capitão Gancho e, voltando a exercer o seu papel de mensageiro assim como na história de Perrault, corre ao encontro de dona Benta e seus netos para contar tudo em sua última aparição na obra:

Polegar chegou e foi direto a Dona Benta. Parecia aflito.

- Que há, figurinha?

- O que há – disse ele arrumando-se nas muletas – é que o sítio está ameaçado de ataque. O pirata que a senhora esqueceu lá tentou seduzir o burro e o hipopótamo... [...]. Nada conseguindo, retirou-se, danado da vida, rogando mil pragas de milhões e está com intenção de reunir os malfeitores da zona para um ataque ao sítio. [...]. Ora, eu achei de meu dever vir avisar a senhora. (LOBATO, 2019, p.128)

No livro *Histórias Diversas* o Pequeno Polegar aparece como protagonista do primeiro conto chamado “As botas de sete léguas”. A aparição do personagem nesta obra acaba se mostrando bem diferente das participações anteriores. Enquanto vimos em *Reinações de Narizinho* e *O Picapau Amarelo* a incorporação que Lobato faz do personagem com suas características originais, mantendo sua personalidade um tanto quanto infantilizada, porém nunca deixando de liderar os companheiros do País das Maravilhas e servir como mensageiro em situações desesperadoras, em *Histórias Diversas*, temos um Pequeno Polegar no mundo real, vivendo uma aventura real em uma cidade real, onde pouco parece existir o maravilhoso.

O narrador personagem conta sobre seu encontro inesperado com Polegar em um hotel, e se mostra extremamente preocupado com o pequeno amigo andando nas ruas em meio a pessoas, automóveis e animais imensamente maiores que ele, e uma coisa chama sua atenção: suas pequenas botinhas de sete léguas se encontram sobre os ombros do Pequeno Polegar, e não em seus pés. Estranhando a situação, o narrador indaga: “Como quem possui uma bota de sete léguas anda assim com ela ao ombro?” (LOBATO, 2018, p.08). Polegar explica, então, que uma de suas botas está desarranjada, ou seja, “em vez de caminhar sete léguas a cada passo que ele dava, apenas caminhava uma” (IDEM, 2018, p.08), e estava na cidade em busca de um sapateiro que pudesse consertá-la.

Encontramos, então, uma semelhança com as outras obras nas quais o Pequeno Polegar já havia aparecido: ele tem conhecimento de que é um personagem de contos de fadas. Ao registrar-se no hotel para passar a noite, Polegar revela que nasceu em 1425, o que surpreende o narrador:

Eu estava admiradíssimo de ele ser tão idoso e conservar o aspecto de rapazinho.

- Como é que não envelhece, Polegar?

- Porque pertenço à turma dos “personagens”. Envelhecem vocês, gente; os “personagens”, não. Peter Pan, Emília, o Gato de Botas, Capinha Vermelha, a Gata Borralheira, todos nós não somos gente, somos personagens. (LOBATO, 2018, p.09)

Depois de tentar resolver o problema das botas das formas “convencionais” – indo a sapateiros e relojoeiros – o narrador decide, então, apelar ao maravilhoso e levar Polegar ao Sítio do Picapau Amarelo para que Emília pudesse consertar as botas:

Emília [...] pegou a botinha e espiou dentro, [...] e disse:

- Só há um jeito, que é aplicar o faz de conta. [...] Com o faz de conta eu arrumo isto num momento. Querem ver? FAZ DE CONTA QUE ESTA BOTA NÃO ATRASA NEM UM CENTÍMETRO. Pronto! [...] Calce e veja. Polegar calçou a botinha e experimentou. Deu um passo com o pé direito e sumiu da nossa presença. Minutos depois reapareceu muito alegre dizendo: - Está ótima! (LOBATO, 2018, p.11)

Apesar de enfrentar o mundo real em uma tentativa de resolver um problema – nem tão real assim – o Pequeno Polegar acaba percebendo que não há nada melhor e nem mais poderoso que o maravilhoso “faz de conta”. E assim se encerra a aventura intertextual do Pequeno Polegar no Sítio do Picapau Amarelo.

A ANTROPOFAGIA COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Durante a primeira fase do Modernismo Brasileiro uma manifestação cultural e artística promete mudar a visão eurocêntrica da arte: o Movimento Antropofágico. Tendo como idealizador o escritor brasileiro Oswald de Andrade, este movimento tem início com a publicação do Manifesto Antropofágico – ou Antropófago – na revista Antropofagia, no estado de São Paulo, em 1928. Essa corrente artística criada por Oswald tem como inspiração as ideias futuristas de Filippo Tommaso, já consagrado na Europa por promover o nacionalismo, a inovação e a modernidade cultural.

Ao receber um quadro de presente de sua esposa Tarsila do Amaral, considerando suas formas quase inumanas, com pé enorme e cabeça minúscula, Oswald decide chama-lo de Abaporu. O nome Abaporu, originado da língua tupi, significa: *aba* (homem), *pora* (gente) e *ú* (comer), ou seja, “homem que come gente”, ou “homem antropófago”. Esse termo “antropofagia” faz referência a um ritual de antigas tribos indígenas que comiam a carne dos guerreiros inimigos não apenas para a alimentação, como seria no caso do canibalismo, mas para algo que vai além, como se ao comer partes de um guerreiro inimigo eles pudessem adquirir suas qualidades físicas e intelectuais, como sua força, sua velocidade ou sua inteligência.

Em seu Manifesto Antropofágico, Oswald de Andrade propõe uma verdadeira antropofagia das culturas estrangeiras e colonizadoras: devem ser devoradas (metaforicamente), deglutidas; e delas precisam ser retiradas qualidades a serem aproveitadas na cultura brasileira, de maneira que seja possível desenvolver uma cultura completamente nacional e promover uma renovação estética.

Grandes artistas fizeram parte desse movimento, sendo alguns deles: Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Raul Bopp. Esses artistas, assim como Oswald de Andrade, acreditavam que a cultura brasileira deveria ser exportada pois era tão sofisticada quanto a europeia.

Apesar de as obras nas quais analisamos a presença do personagem Pequeno Polegar serem datadas de anos antes da criação do Manifesto Antropofágico, ou do próprio Modernismo, e de termos conhecimento de que Monteiro Lobato, autor considerado pré-modernista, foi um conservador assumido, podemos encontrar traços antropofágicos fortíssimos.

Quando analisamos a intertextualidade do personagem Pequeno Polegar nas obras de Monteiro Lobato, notamos que Lobato não apenas intertextualiza com o personagem de Charles Perrault, mas sim o devora, o deglute, e aproveita sua personalidade, seu caráter, suas ações, sua história de vida, seus pensamentos, seus conhecimentos de mundo e o incorpora ao cenário nacional de forma com que, muitas vezes, nos faz esquecer que se trata de um personagem de um conto francês, tendo em vista o quão bem devorado e incorporado por Lobato ele é.

Assim como no movimento proposto por Oswald de Andrade, Monteiro Lobato pratica uma verdadeira antropofagia contra o personagem Pequeno Polegar, contrariando a imitação da cultura estrangeira ao mesmo tempo em que permite a renovação estética de suas características marcantes, fazendo com que ele continue sendo o mesmo Pequeno Polegar descrito por Charles Perrault.

REFERÊNCIAS

A ASSUSTADORA história por trás da Bela Adormecida que vai te surpreender. **O PopularMM**, Mogi Mirim, 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://opopularmm.com.br/a-assustadora-historia-por-tras-da-bela-adormecida-que-vai-te-surpreender-32024/>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

BASSO, Cintia Maria. A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos. **Linguagens & Cidadania**, v. 1, p. 1-6, 2001. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm#:~:text=O%20in%C3%ADcio%20da%20literatura%20infantil,Grimm%2C%20Lewis%20Carrol%2C%20Bush. Acesso em: 03 de julho de 2023.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CONHEÇA o lado oculto da história da Cinderela – você ficará de boca aberta! **Terra**, 2023. Disponível em: <https://www.awebic.com/conheca-o-lado-oculto-da-historia-da-cinderela/>. Acesso em: 07 de agosto de 2023.

HISTÓRIA real da Chapeuzinho Vermelho: a verdade por trás do conto. **Segredos do Mundo**, 2021. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/historia-real-de-chapeuzinho-vermelho/#:~:text=Hist%C3%B3ria%20real%20e%20origens%20de%20Chapeuzinho%20Vermelho&text=As%20origens%20do%20E2%80%9CChapeuzinho%20Vermelho,%E2%80%9CA%20hist%C3%B3ria%20da%20av%C3%B3E2%80%9D>. Acesso em: 18 de julho de 2023.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LEGS, Alberto. Charles Perrault: biografia e melhores histórias infantis. **Actualidad Literatura**, 2018. Disponível em: <https://www.actualidadliteratura.com/pt/charles-perrault-biografia/>. Acesso em: 16 de julho de 2023.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010.

_____. **Histórias Diversas**. Cotia: Pé da Letra, 2018.

_____. **Mundo da Lua**. São Paulo: Globo, 2012.

_____. **O Picapau Amarelo**. Jandira: Ciranda Cultural, 2019.

_____. **Reinações de Narizinho**. Jandira: Ciranda Cultural, 2019.

Manifesto Antropófago. In: Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo – 1ª e 2ª edições – 1928- 1929. São Paulo: CLY, 1976.

MARASCIULO, Marília. Como eram seus contos de fada favoritos na versão original.

Galileu, 2018. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/08/como-eram-seus-contos-de-fada-favoritos-na-versao-original.html>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

PERRAULT, Charles. **Contos da Mamã Gansa**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

SOL, Lua e Talia. **Universo Anthares**, 2023. Disponível em: <https://anthares.us/sol-lua-e-talia/>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.